

A ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS SOBRE O ENSINO SUPERIOR NA UERN: SENTIDOS QUE CONSTITUEM O *CAMPUS* DE PAU DOS FERROS

Gilton Sampaio de Souzaⁱ

Rosa Leite da Costaⁱⁱ

Fernando Filgueira Barbosa Júniorⁱⁱⁱ

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar os discursos que constituem o *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia”^{iv} (CAMEAM/UERN), com o foco nos sentidos que o constituem discursivamente como espaço de produção acadêmica e de desenvolvimento do conhecimento humano e social. O aporte teórico é advindo dos estudos da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 e REBOUL, 1998) e de Bakhtin (1995, 1997). Os dados foram coletados por meio de depoimentos, em gravações audiovisuais e/ou escritos, de gestores universitários e dos segmentos acadêmicos do CAMEAM e da UERN e de representantes da sociedade do Alto-Oeste Potiguar e região. Os resultados apontam que há sentidos diversos sobre o CAMEAM, mas convergentes em muitas das teses defendidas, notadamente nos sentidos do crescimento pessoal e profissional dos informantes e das adversidades pelas quais passou o CAMEAM ao longo de sua história; das aulas em escolas da educação básica, quando não havia sede própria, ao *campus* referência na educação oferecida à região do Alto-Oeste Potiguar e regiões adjacentes.

Palavras-chave: Discursos. Sentidos. CAMEAM/UERN.

ⁱ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil. E-mail: giltionsampaio@uern.br.

ⁱⁱ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rs_leitejc@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Graduando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: filgueirinha@yahoo.com.br.

^{iv} O *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), localiza-se na cidade de Pau dos Ferros, RN.

Abstract: The work aim of this research is to investigate the discourses that make up the Rio Grande do Norte State University, Pau dos Ferros Campus, focusing on the meaning that construct it discursively as space for academic production and development of human and social knowledge. The theoretical studies arising from the New Rhetoric (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996 and REBOUL, 1998) and the Bakhtin (1995, 1997). The data were collected through interviews, in audio-visual recordings and/or written, of university administrators and academic sectors at such a Campus, and society representatives of the Upper West Potiguar and region. The results demonstrated that there are different meanings on that Campus, but they converged in many defended theses, of presented events, especially in the meaning of personal and professional growth of informants and the disabilities through which the Campus overcome throughout its history, such as, classes in basic education schools, when it has no proper place, in reference to campus education offered, especially in contributing to the development of the entire Upper West Potiguar region and adjacent regions.

Keywords: Discourse. Meaning. Rio Grande do Norte State University, Pau dos Ferros *Campus*.

Considerações iniciais

Este trabalho é parte da pesquisa “Os discursos que constituem o CAMEAM/UERN¹: das vozes de gestores às vozes dos segmentos acadêmicos e comunidade”, concluída em 2011, ligada ao Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, dentro da linha de pesquisa Estudos de processos argumentativos.

Neste trabalho, objetivamos descrever e interpretar discursos que constituem o *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, tendo em vista a argumentação e os sentidos subjacentes a esses discursos.

A história do CAMEAM, com mais de trinta anos de atuação no Alto-Oeste Potiguar e na região de fronteira dos Estados do Ceará (CE) e da Paraíba (PB) foi, ao longo de sua existência, produzindo e reproduzindo conhecimentos, produzindo e reproduzindo discursos e sentidos, ao mesmo tempo em que esses discursos também o constituíam, reforçando sentidos circulantes e lhe atribuindo novos sentidos. Caracteriza-se como um *Campus* Universitário que tem crescido bastante em quantidade de alunos atendidos e nas ações desenvolvidas, conforme informações obtidas no site da própria universidade (UERN, 2010).

Tendo sido criado em 1976, com implantação dos primeiros cursos em 1977 (MAIA, 1990), esse *Campus* oferece cursos de graduação e de pós-graduação *lato* e *stricto sensu* (Mestrado Acadêmico), atendendo

alunos de mais de 40 municípios dos Estados do CE, PB e RN. O CAMEAM carrega, em sua história, processos coletivos de lutas e de crescimentos, cujos discursos, efeitos de sentido, produzidos nas interações humanas, pelo próprio CAMEAM (alunos, professores, técnicos e pessoal de apoio) ou por representantes da sociedade, em relação a esse *Campus*, constroem argumentativamente definições, sentidos múltiplos, sobre o próprio CAMEAM e sobre os sujeitos atores e participantes de sua história. E é exatamente o rastreamento desses sentidos que buscamos mostrar. São sentidos que, por serem definidores e reconstrutores de processos históricos, e por não serem tidos como verdades absolutas dos fatos, assumem um caráter de verdadeiros, produzem efeitos de verdade, para o próprio *Campus* e para a sociedade, constituindo imagens de si e para si, que repercutem e constituem, também, sentidos identitários para seus servidores, comunidade acadêmica e região de sua área de atuação e influência.

Para tanto, nossos aportes teóricos advêm da teoria da argumentação no discurso (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PERELMAN, 1993, 1999), dos estudos filiados a essa teoria da argumentação (AMOSSY, 2005; REBOUL, 1998; MEYER, 2007; SOUZA, 2001, 2003, 2008, 2009; SOUZA, COSTA, 2009; entre outros) e toma como pressuposto a teoria dialógica da linguagem, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1995, 1997; FARACO, 2003), além de reflexões desenvolvidas por estudiosos da área, sobretudo acerca de efeitos de sentido (POSSENTI, 2001), sendo que essas teorias e reflexões vinculadas ao dialogismo bakhtiniano dão ancoragem às questões teóricas levantadas pela Nova Retórica, que se apresenta como teoria de base nessa pesquisa.

Trabalhamos com métodos de investigação próprios da Linguística, especialmente da área

¹ Essa pesquisa foi desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UERN, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em forma de bolsa para o aluno.

de análise de discurso, com base nos estudos de *corpus*, nos quais os próprios discursos, em seus mais diversos domínios, se apresentam como materiais de análise. Assim, as noções de discurso e de sentido são definidas em função do caráter argumentativo da linguagem, advindo, entre outras, da argumentação quase-lógica, nos termos da Nova Retórica, e da argumentação com base no real, conforme podemos constatar pela análise do *corpus*.

Em função do recorte teórico adotado, a metodologia utilizada nessa investigação, de caráter descritivo e interpretativo, consistiu em coletar os dados por meio de mídia eletrônica ou por e-mails e/ou impressos, sendo que todos os depoimentos concedidos contam com autorização legal, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para descrição, análise e interpretação dos discursos sobre o CAMEAM, organizamos os depoimentos em categorias, considerando a relação de vinculação ou não dos informantes aos segmentos acadêmicos do CAMEAM (professor, ex-professor, aluno, ex-aluno, autoridades etc.), com codificação e tabulação, análise, interpretação e elaboração de quadros demonstrativos, com sínteses e discussões dos resultados. Em função das dimensões desse artigo, optamos por elaborar um quadro-síntese de teses/argumentos axiais (centrais) construídos nos discursos analisados, num total de dez. E, para uma análise mais qualitativa, trazemos uma amostragem de três recortes, com partes dos depoimentos que constituem o *corpus* da pesquisa.

A argumentação no discurso: breves considerações

Há diferentes perspectivas teóricas preocupadas com as questões argumentativas da linguagem e, de uma forma geral, duas têm se destacado: teoria da argumentação na língua (TAL), cuja atuação se dá na busca por compreender o funcionamento argumentativo de elementos linguísticos inerentes à estrutura

da língua; e teoria da argumentação no discurso (TAD), que propõe uma abordagem discursiva da argumentação (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 1996), pois parte do princípio de que há interação entre os interlocutores do discurso (BAKHTIN, 1997), compreendendo este discurso como também de uma instância social, discursiva e ideológica (BAKHTIN, 1995), em que os sujeitos estejam envolvidos. E é sobre a argumentação no discurso, dos argumentos às teses e efeitos de sentido, que nos deteremos aqui.

Nessa articulação entre a noção de dialogia desenvolvida por estudiosos do chamado Círculo de Bakhtin (FARACO, 2003), assim como por estudiosos contemporâneos que discutem essa questão, e a noção de dialogia da Nova Retórica, é preciso deixar explícita também a noção de efeito de sentido aqui utilizada.

Para Possenti, num discurso não há sentido único, uma vez que ele sempre retoma um outro discurso, outros sentidos e, ainda, porque os sentidos são construídos na interação do orador (sujeito histórico-ideológico) com o auditório social e com outros discursos; para ele, o sentido jamais pode ser visto como algo prévio, pronto, a partir da forma da língua, ao contrário, o sentido é, antes de tudo, um efeito, e, além disso, “o (efeito de) sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica (ou: o sentido de uma palavra é o conjunto de outras palavras que mantêm com ela uma certa relação)” (POSSENTI, 2001, p. 50). É também nessa perspectiva que optamos por trabalhar com os termos sentidos ou, principalmente, efeitos de sentido, já que eles melhor definem os efeitos da argumentação que buscamos revelar [...]. (SOUZA, 2003, p. 44-45).

Sendo assim, a noção de efeito de sentido aqui adotada, numa análise argumentativa de discursos, está articulada com a noção de dialogia, que é hoje também trabalhada notadamente pelos pesquisadores que fazem

análises de discursos se utilizando, dentre outras, das reflexões advindas dos estudos interacionistas do Círculo de Bakhtin (FARACO, 2003).

A argumentação no discurso, representada hoje especialmente pela Nova Retórica, de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), recupera da retórica aristotélica conceitos como orador, auditório, entre outros, e os aplica à funcionalidade de todo e qualquer discurso, pois não interessa mais restringir-se aos discursos judiciário, deliberativo e epidíctico, característicos dos estudos daquela época. Para esses autores e, ainda, conforme estudos de Souza (2008), a argumentação deve ser entendida como uma ação humana, uma ação que implica o ato de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida; uma ação que, para ser efetivada, necessita de uma interação entre o orador e um auditório, em situações reais de uso da linguagem. Assim sendo, a argumentação busca a adesão dos interlocutores e o ato de argumentar será sempre uma ação de uso da linguagem que envolve tanto uma tese, isto é, a ideia que pretendemos defender, a parte racional do discurso (*logos*), um orador que se envolva na causa, e ao mesmo tempo defenda sua imagem (*ethos*), e o auditório, que, mediante a ação desse orador, o ouve, comove-se ou não, aceita ou não (*phatos*) a tese apresentada. São esses, portanto, os três pilares da argumentação.

Diálogos entre teorias: a questão do auditório

Se a Retórica, em parte, caiu em descrédito por considerar a linguagem ornamental como um dos principais fatores para a composição dos discursos, primando pela beleza e elegância de estilo (MONTEIRO, 1991), é preciso entender que tal descrédito ocorreu por não se considerar o papel decisivo do auditório, do(s) interlocutor(es), na instância de produção do discurso.

Perelman e Tyteca (1996), em seu Tratado de Argumentação, recuperam o conceito de auditório estabelecido por Aristóteles, em duas concepções: o auditório universal e o auditório particular. O primeiro é composto por toda a humanidade; o segundo, por um conjunto de ouvintes com desejos conjugados ou não (heterogêneo), ou ainda por um único e exclusivo interlocutor, para quem se dirige a palavra em situações particulares. E até para si mesmo, em situações bem particulares.

A importância de considerar o auditório na análise de discursos é pertinente também aos estudiosos, pois, para o orador, logo de imediato, na constituição de seu discurso, se faz necessário iniciar um acordo com o(s) interlocutor(es), e isso se dá com base em valores que o próprio orador julga que o seu auditório possui ou em conhecimentos que acredita que seu auditório tem ou necessita, para só então conseguir a adesão necessária à tese (*logos*) que pretende defender. A esse respeito, Souza (2008, p. 61) diz:

Considerando que toda pessoa ao argumentar, ao escrever ou ao falar o seu texto e ao defender uma tese, já tem em mente o auditório ao qual está direcionado o seu discurso, supomos, então, que qualquer discurso ao ser falado/escrito, já traz em si influências recebidas de seus possíveis leitores/interlocutores.

Segundo Souza (2008), portanto, é neste ponto, sobretudo, em que se dá a correspondência entre a teoria da Nova Retórica de Perelman e a do sócio-interacionismo de Bakhtin, pois os estudiosos do Círculo de Bakhtin também trabalham com o conceito de auditório. Podemos verificar que, na obra de Bakhtin (1995), o *auditório social* se assemelha ao *auditório particular* perelmaniano; e a sua noção de *auditório médio* corresponde à noção de *auditório universal* de Perelman. Ambos consideram a linguagem como dialógica, como um movimento temporal e intersubjetivo, capaz de produzir efeitos de sentido, de forma que não

há, portanto, palavra que não seja direcionada a um interlocutor e que não estabeleça um diálogo social que leve em conta o contexto imediato e/ou amplo da enunciação.

Na constituição dos discursos, as presunções constituem uma confiança que o orador busca ganhar ou construir junto ao seu auditório, de maneira que ele precisa dominar os valores de seu auditório particular, para criar, entre eles, um vínculo ético de confiança e aceitabilidade. Segundo Perelman e Tyteca (1996), há valores abstratos e valores concretos. São abstratos os valores que envolvem a razão, como a justiça e a verdade; e são concretos os que exigem comportamentos e virtudes, tais como a noção de lealdade, disciplina, relação entre pais e filhos, irmãos, pais, igreja etc.

Ao argumentar, o orador, mediante as circunstâncias, utiliza-se ora dos valores abstratos, ora dos valores concretos. Para Perelman e Tyteca (1996), mais importante do que admitir esses valores é saber a hierarquização que eles ocupam no processo argumentativo. Isso ocorre porque não são os valores que caracterizam o auditório, mas a forma como ele os hierarquiza. As hierarquias variam de pessoa para pessoa, em função da cultura e das ideologias e isso faz com que um auditório formado por mais de uma pessoa se torne, por vezes, heterogêneo.

As teses e as técnicas argumentativas

O estudo do discurso revela que frente a qualquer situação comunicativa o sujeito/falante ou o sujeito/escritor está sempre argumentando, tomando posições e tentando convencer pela palavra. Sendo assim, ainda que inconscientemente (BAKHTIN, 1995; PERELMAN, TYTECA, 1996), esse sujeito se utiliza de argumentos mais condizentes com seus objetivos para conseguir que o interlocutor apoie a tese proposta, que é a ideia principal do discurso, a tese central, nos termos da Nova Retórica; uma proposição,

como diz Meyer (2007), que formulará o argumento principal do texto.

No campo da Nova Retórica, os argumentos são envoltos em técnicas argumentativas. Conhecê-los é indispensável para se entender o grau de persuasão do discurso e a intencionalidade nele contida, bem como para atender às exigências de cada situação em que precisamos conscientemente trabalhar a linguagem para alcançar determinados fins.

Perelman e Tyteca (1996), em seu tratado, apresentam as técnicas argumentativas, agrupadas pelos objetivos de associar/estabelecer ligações e de dissociar ligações. Os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e os argumentos que fundam a estrutura do real constituem o primeiro grande grupo, e os argumentos por dissociação das noções, o segundo.

Os argumentos quase-lógicos apoiam-se em normas quase-lógicas que se baseiam nos raciocínios formais, possuindo uma organização semelhante às demonstrações científicas. Ao corresponder às leis da lógica, esses argumentos evidenciam-se nas contradições, incompatibilidades e regras de justiça, dentre outros.

Nestes argumentos, os efeitos de sentido são produzidos também pelo processo de identificação mediado por definições (conceituais, descritivas, normativas etc.), uma vez que as atividades de definir e conceituar são também processos de argumentação e de constituição de sentidos. Em suma, ainda nas palavras desses autores, “Todo uso de conceitos, toda aplicação de uma classificação, todo recurso à indução implica uma redução de certos elementos ao que neles há de idêntico ou intercambiável [...]”. (1996, p. 238).

Os argumentos baseados na estrutura do real, apresentados por Perelman e Tyteca (1996), são aqueles que se baseiam apenas em

situações reais vividas dentro da sociedade. Esses argumentos, ao contrário dos primeiros, não se baseiam na lógica, mas na experiência, nas ligações existentes entre as coisas do mundo real. Tais ligações podem ser por sucessão, quando apresentam relações de causa e consequência, causa e efeito; por coexistência, quando ligam as pessoas aos seus atos, e por relações simbólicas, que enfatizam o amor ou o ódio aos símbolos, tais como a Pátria, a Cruz etc.

Na terceira técnica, argumentos que fundam a estrutura do real, Perelman e Tyteca apresentam argumentos que também são empíricos, mas não se apoiam na estrutura do real porque criam-na ou porque, pelo menos, a completam, de maneira que entre as coisas apareçam ligações não vistas. São argumentos pelo exemplo, por ilustração, por modelo e por antimodelo; por analogia e metáfora. Os argumentos que fundam a estrutura do real são os próprios acontecimentos, os fatos, as histórias, os exemplos, que produzem sentidos para a argumentação; são dos acontecimentos narrados da realidade que a argumentação ganha corpo e os discursos se vestem de poder e de efeitos de verdade. Esses argumentos também podem funcionar como recursos de presença, pois têm por objetivo ilustrar a tese que defendemos (PERELMAN, 1993). Sem dúvida, podemos nos utilizar de fatos, narrações para uma história contada; um fato narrado com o propósito de ilustrar determinadas situações fortalece a defesa da tese principal, pois o auditório interpreta esses argumentos como convincentes, associados ao que estamos dizendo.

Já os argumentos por dissociação das noções abordam-nas em partes hierarquizadas como aparência/realidade, meio/fim etc. A função desta técnica é dissuadir, ou seja, fazer com que os fatos possam mudar de parecer ou finalidade.

Embora todas essas técnicas constituam estratégias do falante/escritor para convencer

seu interlocutor, não se pode deixar de ressaltar que o ato linguístico, por meio do qual a argumentação se proclama, está fixado num contexto social e histórico onde a ideologia opera (BAKNTIN, 1995; PERELMAN, TYTECA, 1996).

Nisto, conclui-se que a intencionalidade de um discurso nem sempre está condicionada à vontade própria do falante/escritor. Segundo Perelman e Tyteca (1996), a ação desse orador só é mais ou menos consciente, não há uma total liberdade, devido ao caráter dialético e dialógico da linguagem.

Sobre a questão do caráter ideológico da linguagem, Bakhtin afirma:

[...] Cada um dos sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é cuidado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica estética, científica, moral, religiosa (BAKHTIN, 1995, p. 36-7).

Tanto para Perelman e Tyteca (1996) como para Bakhtin (1995, 1997), o discurso tem em sua constituição a dimensão ideológica. E esta dimensão da linguagem se impõe ao falante/orador ao não lhe permitir a totalidade de sua consciência no uso da palavra, na não neutralidade do discurso, e, também, devido ao preenchimento, pelo discurso do orador, de funções estéticas, científicas, morais etc em que se dão as práticas discursivas. É, portanto, pressupondo a constituição dialógica, dialética e ideológica da linguagem que fazemos uma análise argumentativa de diferentes discursos sobre uma instituição de ensino superior.

Os discursos que constituem o CAMEAM

As teses e os sentidos

Nos depoimentos sobre o CAMEAM/UERN, muitas teses, diferentes argumentos e efeitos de sentido são revelados em discursos de pessoas de diferentes segmentos acadêmicos, em atividade ou aposentadas, ou mesmo egressos e comunitários, autoridades políticas, administrativas, de épocas bem diferentes, que abarcam a década de 1970, quando o *Campus* de Pau dos Ferros foi criado, até o início da segunda década do século XXI, em que este estudo se realiza.

Entre os muitos sentidos atribuídos ao CAMEAM, destacamos aqui dez teses, com base nos argumentos principais defendidos em cada depoimento:

Quadro 1 - Teses sobre o CAMEAM/UERN
(continua)

Nº	CATEGORIA	TESE
T1	Comunidade: autoridade	O CAMEAM conquistou um novo espaço em Pau dos Ferros e Região.
T2	Técnico/a: aposentado/a	A evolução do CAMEAM é reconhecida e os servidores estão mais profissionalizados.
T3	Técnico/a: em serviço	Mesmo ainda apresentando dificuldades, o CAMEAM evoluiu muito e tem sua atuação reconhecida.
T4	Discente: egresso/a; Ex-docente; Autoridade acadêmica na UERN	O CAMEAM oferece emancipação intelectual e boa formação aos seus egressos.
T5	Docente: atual	O CAMEAM desperta nos alunos o desejo por uma vida acadêmica ativa e é exemplo a ser seguido pelo restante da UERN.
T6	Docente: atual	O CAMEAM proporciona, com qualidade, formação e crescimento profissional para Pau dos Ferros e região.

Quadro 1 - Teses sobre o CAMEAM/UERN
(conclusão)

T7	Discente: atual	O CAMEAM tem crescido e ampliado seus horizontes, com os propósitos de evoluir sempre.
T8	Discente: atual	O CAMEAM desperta no aluno o interesse pela vida acadêmica.
T9	Discente: egresso/a	O CAMEAM constrói novas perspectivas de ensino e formação ao longo dos anos.
T10	Discente: egresso/a	O CAMEAM desperta sentimento de gratidão pela oportunidade pioneira na região.

Nessas teses defendidas sobre o CAMEAM, destacam-se os sentidos ligados à formação e à atuação dos profissionais. São os efeitos de uma universidade sobre seus egressos, técnicos e docentes, em que “evolução”, “formação profissional”, “abertura de horizontes”, “exemplo a ser seguido” se transformam em efeitos de sentido de desenvolvimento humano. Podemos dizer que os oradores desses discursos partem de um princípio de sucessão (argumentos baseados na estrutura do real), em que o próprio CAMEAM é visto, definido, pelo valor do efeito que suas ações provocam na sociedade. Segundo Reboul (1998), este tipo de ligação, posta pelo argumento pragmático, permite apreciar algo em função de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis, de forma que de imediato esse argumento presume confiança diante do auditório.

Ainda pelo viés da argumentação baseada no real, vemos que algumas das teses principais claramente já apresentam uma técnica argumentativa em sua constituição, ou seja, a própria tese que, nas palavras de Meyer, é uma proposição, uma frase, que desencadeia uma pergunta e uma resposta (MEYER, 2007) apresenta, em sua essência, um das técnicas argumentativas, antes mesmo dos argumentos que lhe dão sustentação, como é o caso de T2, T3, T7 e T9 construídas pelo argumento da

superação (argumento quase-lógico) ou de T5, que, claramente, coloca o CAMEAM como exemplo (argumento que funda o real), destacando-lhe, assim, a qualidade.

Argumentar pela superação equivale a dizer que o CAMEAM, ao longo de sua trajetória, tornou-se um *campus* de referência. Fica implícito neste argumento que havia a necessidade de melhoria e de avanço. Se como diz Reboul (1998, p. 175), o ideal inacessível (pois nunca ninguém ou algo é bom demais, ruim demais, etc) mostra em cada conquista um trampolim para uma conquista superior, num progresso sem fim, os discursos analisados revelam que seus oradores veem o CAMEAM como um *campus* que vai se construindo ao longo dos tempos, que está longe da perfeição, mas que pode ser até mesmo um modelo a ser seguido, um exemplo, como mostra a quinta tese, T5.

Os argumentos de presença

Nos discursos que constituem o CAMEAM sentidos emergem sob diferentes vozes, em os mais diversos processos argumentativos: dos fatos e narrativas que fundam o próprio CAMEAM; da oposição ontem/hoje; das opiniões sobre o ensino, a administração, as relações humanas. Os recortes abaixo nos permitem observar como estes sentidos são constituídos a partir dos recursos de presença no discurso, especialmente através das narrativas, pois como diz Perelman (1993), a narrativa testemunha o efeito de presença.

Recorte 1:

[...] O *Campus* de Pau dos Ferros funcionou durante o período em que cursei a graduação em três prédios com salas muito pequenas e superlotadas: Primeiro, na Escola Estadual Joaquim Correia [...]. Segundo, na Escola Estadual Tarcísio Maia e, por último, no Bairro Arizona, onde hoje funciona a sede do *Campus* da UERN.

Embora declarada pública, lembro-me bem: pagava uma mensalidade para cursar Pedagogia [...]

O funcionamento dos Cursos de Pedagogia, Letras e Economia dava-se em condições infraestruturais muito precárias: as avaliações eram datilografadas ou mesmo manuscritas; não havia biblioteca, mas sim um pequeno, pequeníssimo acervo de livros cedido por instituições diversas. Recursos tecnológicos não havia e os recursos técnico-didáticos eram poucos. [...]

O discurso todo é entrecortado pelos recursos de presença: as salas eram pequenas e superlotadas, o curso era pago, as avaliações eram datilografadas etc. Com isto, o orador traz a presença de seu auditório uma imagem do CAMEAM que conheceu. O efeito consiste em que o auditório presencie esse CAMEAM, que provavelmente ofereceu uma formação limitada a esse orador.

Recorte 2:

[...] Então, vim para Pau dos Ferros em dezembro de 2007, morando, de início, na Pousada Parque das Serras onde tive, durante duas semanas, a rotina de pousada – CAMEAM, CAMEAM-pousada.

E foi neste período que, com o olhar de um estranho, comecei a perceber algumas nuances que este campus tem de diferente em relação àqueles que já conheci, mais especificamente, aquele no qual me formei. Comecei a perceber que muitas das relações humanas se dão de forma diferenciada, não sei se influência do estilo de vida das pessoas da cidade, ou da posição que as pessoas assumem em seus locais de trabalho ao longo de muitos anos, mas no CAMEAM, o jardineiro era amigo do diretor, que tinha um quadro com a foto do “cuidador” por trás do seu birô de gabinete; os professores novos e antigos no meu departamento tinham um entrosamento que é incomum aos demais grupos docentes que conheci, os alunos tinham mais proximidade com seus mestres, às vezes até demais, o que quebrava aquela tradicional barreira do

pedestal onde o docente está em cima e o discente em baixo. É claro que há exceções, num universo tão diverso de áreas de conhecimento, de pessoas de origem diferentes, de tantas relações de trabalho e poder, mas ainda assim hoje o CAMEAM me parece diferente. [...]

O discurso desse orador também é entrecortado pelos recursos de presença, há, a todo o momento, uma narrativa que objetiva “descrever” o CAMEAM; defini-lo como uma instituição de ensino, olhando-o por uma ótica de afetividade. O orador narra o cotidiano da instituição, através da descrição do próprio ambiente de trabalho. Dizer que há uma foto na sala do diretor e descrevê-la, constrói na presença do auditório a própria cena, bem como descrever as relações pessoais existentes no *campus*, constrói, no discurso, um sentido de que o *campus* é um lugar onde não apenas se busca o saber científico, mas também relações de respeito, igualdade e humanidade.

Recorte 3:

[...] Meu primeiro contato com o Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), ou Campus de Pau dos Ferros, ocorreu no ano de 2004. Havia um ano que eu ingressara na UERN como professor e já conhecia relativamente bem a Universidade. Ao entrar no CAMEAM tive a impressão de que estava dentro de algo vivo. O *campus* como um todo era muito ativo, e ao mesmo tempo alegre.

Passaram-se os anos e fui muitas vezes ao Campus de Pau dos Ferros. Em todas elas, havia sempre algo novo, inovavam ou na estrutura ou na organização administrativa. Vi a evolução do CAMEAM ao longo desses anos e o meu sentimento é de que durante todo esse tempo estão sempre em evidência o sentimento de unidade na execução de um trabalho coletivo com um foco bem definido. Um trabalho grande e bonito: criar

em Pau dos Ferros e região um universidade de boa qualidade. [...].

Assim como nos recortes anteriores, o orador também se vale da narrativa para falar do CAMEAM e faz isso a partir de sua vivência na instituição como professor, de forma que o recurso de presença (o relato de vivência no *campus*) provoca a definição do *campus* para esse orador, um espaço ativo, alegre, uma personificação que faz do CAMEAM uma instituição onde os sujeitos que a constituem trabalham e estudam, ou seja, produzem conhecimento.

Vemos, dessa forma, que, tanto no recorte 1 como nos recortes 2 e 3, os colaboradores dessas pesquisas, oradores, fazem uso dos recursos de presença, com os quais acontecimentos do e no CAMEAM chegam a todos nós por meio de pequenas histórias, geralmente cobertas de sentimentos. Narrativas (relato de pequenos fatos) como essas tornam mais reais, mais visíveis, os posicionamentos das pessoas envolvidas sobre a própria realidade que apresentam em seus discursos.

É por meio desses relatos que sentidos diferentes e desconhecidos para muitas pessoas emergem, sentidos como os de que o “Campus de Pau dos Ferros funcionou” em estruturas de outros órgãos, ou ainda que se “pagava uma mensalidade para cursar nesse Campus”; “o CAMEAM me parece diferente”; entre outros. Dessa forma, relatos como esses e outros mostram que o *campus* apresenta curiosidades e questões que precisam ser conhecidas para que o próprio *campus* possa ser entendido, para que seus efeitos de sentido se revelem no e pelo discurso dos sujeitos que o constituem. Destaca-se aqui o papel fundamental que tem o auditório nestes discursos. O orador busca, pela presença, mostrar o CAMEAM, da forma como o concebe, a um auditório sobre o qual não tem controle, auditório universal (PERELMAN, TYTECA, 1996), auditório médio

(BAKHTIN, 1995) formado por alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, gestores, comunidade em geral, de todas as décadas de atuação do CAMEAM, daí a importância de se argumentar trazendo à presença histórias, fatos, situações vividas no próprio *campus*.

Entre outros argumentos, destacamos aqui, nesses recortes, os argumentos que fundam a estrutura do real, pelo exemplo e pela ilustração de imagens do próprio CAMEAM, em que, nos discursos analisados, quase todos os colaboradores revelam que consideram positivas muitas das características do CAMEAM, por isso mesmo, para nós, o uso desses argumentos e essa caracterização merecem destaque nessas rápidas reflexões, na quais buscamos uma síntese dos sentidos dessa unidade acadêmica.

Nesses recortes analisados, segundo os colaboradores, os sentidos de ontem (de um *Campus* com dificuldades) se unem aos sentidos de hoje, de um *Campus* que se apresenta diferente, notadamente nas relações humanas (recorte 2) e em seus propósitos formativos, como podemos ver no recorte 3, para quem no CAMEAM, há “Um trabalho grande e bonito: criar em Pau dos Ferros e região um universidade de boa qualidade”.

Considerações finais

Observamos que os discursos que constituem argumentativamente o CAMEAM defendem diferentes teses, destacando-se, entre outras, as teses que defendem esse *campus* como uma instituição de forte impacto na vida dos sujeitos que lá se formam/formaram. Os oradores desses discursos partem de um princípio de sucessão (argumentos baseados na estrutura do real), em que o próprio CAMEAM é visto, definido, pelo valor do efeito que suas ações provocam na sociedade.

Há ainda as teses que atribuem ao CAMEAM a superação (pelo argumento da

superação), estabelecendo uma comparação entre o antes e o depois, o ontem e o hoje. Teses como essas revelam muitos dos sentidos sobre o Ensino Superior na região do Alto Oeste potiguar, e numa perspectiva mais ampla, no próprio Brasil, já que os sentidos dessa universidade (do CAMEAM) são também, em parte, os sentidos de toda UERN e de muitas das universidades brasileiras, que enfrentam dificuldades as mais diversas, mas que exercem uma grande importância na formação de seus cidadãos e no desenvolvimento das regiões que atuam, de forma a contemplar um auditório amplo, que vai além dos limites do próprio CAMEAM, um auditório universal (PERELMAN E TYTECA, 1996) ou médio (BAKHTIN, 1995), pois a linguagem, por ser constitutivamente dialógica e ideológica, se dirige a outros sujeitos, e os discursos se dirigem a outros discursos, a diversos campos do conhecimento humano.

Observamos, ainda, que muitas dessas teses trazem histórias, fatos, acontecimentos de sujeitos que, no discurso, assumem que se formaram nesse *Campus* e que dele receberam grande contribuição; são teses argumentativamente bem elaboradas, mas que, devido o limite dos espaços desse texto, não pudemos trazer recortes de todas, por isso optamos por um quadro composto por uma pequena amostragem, com ilustrações de três depoimentos, cujos discursos revelam um pouco (nunca a sua totalidade) de efeitos de sentido do CAMEAM, para alunos, egressos, técnicos e docentes (aposentados ou em exercício, transferidos ou que já estão em outras unidades ou instituições), autoridades acadêmicas, educacionais e político-administrativas e comunidade de modo geral.

Os sentidos desse *campus* universitário construídos argumentativamente - principalmente por meio de argumentos quase-lógicos e dos argumentos que fundam a estrutura do real, como os exemplos, as

ilustrações, os modelos, e com grande utilização, nos discursos dos colaboradores, de recursos de presença, tornando visíveis ações, imagens e fatos que nele ocorreram, enfim relações dialógicas entre discursos - tornam o CAMEAM um espaço acadêmico mais humano, mais discursivo e, por isso mesmo, com mais sentidos, cujos efeitos podem transformar os próprios segmentos acadêmicos e toda a sociedade em que atua.

Referências

- AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. Tradução de Dílson Ferreira da CRUZ, Fabiana KOMESU e Sírio POSSENTI. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de A. P. de CARVALHO. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- _____. **Dos argumentos sofisticos**. Tradução de L. Vallandro e G. Bornheim. Porto Alegre: Globo, 1973.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2.ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7.ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- MAIA, M. E. de A. **A interiorização na universidade brasileira: considerações sobre a experiência no *Campus* Avançado de Pau dos Ferros**. Monografia. 126 p. Especialização em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica. *Campus Avançado de Pau dos Ferros, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação*, Universidade Regional do Rio Grande do Norte/URRN. Pau dos Ferros: URRN, 1990.
- MEYER, M. A unidade da retórica e seus componentes: *éthos*, *páthos*, *logos*. In: **A retórica**. Tradução de Marly Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- MONTEIRO, J. L. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.
- PERELMAN, C. **O império retórico: retórica e argumentação**. Tradução de F. Trindade e R. A. Grácio. Porto: Ed. ASA, 1993.
- _____. **Retóricas**. Tradução de M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: A nova retórica**. Tradução de M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- POSSENTI, S. Ainda sobre a noção de efeito de sentido. In: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, R. (Orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Claraluz, 2001.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SOUZA, G. S. de. A argumentação nos discursos: questões conceituais. In: FREITAS, A. C. et al (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Mossoró: Queima-Bucha/Edições UERN, 2008.
- _____. **O Nordeste na mídia: um (des) encontro de sentidos**. Tese de Doutorado. 402 p. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP. Araraquara: UNESP, 2003.
- _____. A argumentatividade na linguagem: uma análise do texto jornalístico no livro didático. In: GREGOLIN, M. do R. V. et al (Orgs.). **Análise do discurso: entornos do sentido**. Araraquara/SP: Laboratório Editorial da UNESP, 2001.
- _____. (Coord.). Relatório técnico final de atividades: **Pesquisa “Argumentação e construção de sentidos na elaboração de hipóteses e/ou questões de pesquisa em monografias: um estudo sobre a produção textual no Ensino Superior”**. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2009.
- _____. COSTA, R. L. O professor de Letras e o seu discurso: a constituição do *ethos* de professores do

SOUZA, Gilton Sampaio de; COSTA, Rosa Leite da; BARBOSA JÚNIOR, Fernando Filgueira. A argumentação em discursos sobre o ensino superior na UERN: sentidos que constituem o *campus* de Pau Dos Ferros. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.2, p. 63-75, mai. 2012.

ensino superior. **Revista Letra Magna**, ano 5, n. 10, 2009.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN. *Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia”* (CAMEAM). Pau dos Ferros. 2010. Disponível em <http://www.uern.br/faculdade/faculdades.asp?fac=CAPFERROS>.